



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante almoço com superintendentes do Banco do Brasil

Brasília - DF, 20 de dezembro de 2007

Bem, primeiro, eu quero cumprimentar os companheiros ministros aqui, o Paulo Bernardo, bancário do Banco do Brasil,

Nossa companheira Dilma Rousseff, ministra da Casa Civil,

Quero cumprimentar o companheiro Beka, que não está aqui representando o Guido, porque está aqui como membro do Conselho. Certamente, o companheiro Guido vai perder o bom almoço que nós vamos comer aqui. Depois contaremos para ele.

Quero cumprimentar três companheiros que permitiram que, ao longo desses anos, a gente pudesse conhecer o Banco do Brasil: companheiro Pimentel, deputado federal pelo Ceará; companheiro Geraldo Magela, deputado federal por Brasília; e o nosso querido companheiro Ricardo Berzoini, deputado por São Paulo, mas, antes de tudo, bancário do Banco do Brasil e presidente do Sindicato dos Bancários de São Paulo.

Quero cumprimentar o companheiro Lima Neto, a companheira Raimunda, e os diretores do Banco do Brasil.

Ninguém consegue viver e sobreviver 200 anos, se não tiver qualidade. Não existe exemplo de uma coisa mais gerenciada... Você disse que o Sérgio Rosa estava aqui. Cadê o Sérgio Rosa, que não estou vendo? Ah, está ali. Ninguém consegue sobreviver tantos anos, como o Banco do Brasil, se não tiver qualidade. Mas, muito mais do que qualidade, a história do Banco do Brasil é construída numa relação, eu diria, de paixão constante dos seus funcionários com o Banco, porque se não fosse assim, as coisas não poderiam dar certo.



Este almoço é obra do acaso. Nós estávamos no lançamento de um programa, tinha um conjunto de gerentes do Banco do Brasil, e eu não sei por que, eu não quis falar. O Lima Neto me falou: “Mas, Presidente, tem vários gerentes do Banco do Brasil, superintendentes, seria tão bom se o senhor desse uma palavrinha”. Eu falei: então é uma razão para você me convidar para almoçar no Banco do Brasil, e convidar todos os superintendentes para que a gente possa, então, fazer uma confraternização.

Bem, companheiros e companheiras, se não acontecesse mais nada até o dia de Natal, a Raimunda já estaria com o meu presente de Natal garantido. O que aconteceu contigo e, se Deus quiser, vai acontecer com milhões de famílias até 2008, que é o compromisso do Banco do Brasil – o Luís Otávio disse que tem que cumprir isso de qualquer jeito –, tem acontecido com o programa Luz para Todos.

Um dia eu fui ao interior da Bahia, e fiz questão... eu já tinha inaugurado vários programas Luz para Todos, de dia. Então, se ao meio-dia acender a luz em uma praça, você não vê nada, então não acontece nada. Eu sei que era difícil, mas eu resolvi marcar uma inauguração, na Bahia, para as 7 horas da noite, e o pessoal do Programa não deixou acender a luz antes de eu chegar. Eu cheguei em uma casa, tinha duas mulheres, mães solteiras, cada uma com três filhos, com um candeeiro feito à base de uma latinha de refrigerante, eu não vou falar o nome aqui para não fazer propaganda do refrigerante. Na hora em que eu acendi, peguei o dedo das duas e coloquei na tomada, que acendeu a luz, eu acho que elas tiveram a mesma sensação do primeiro cara que botou no pé na Lua.

É uma mudança do século XVIII para o século XXI, na velocidade da luz. A sensação, o prazer e a alegria... Eu olhava na cara da molecada, aquela molecada que estava com o caderninho na mão, tentando escrever com a luz de candeeiro e, de repente, eles vêem uma luz daquelas... Eu me lembro de uma tia minha, em Garanhuns, quando o dr. Miguel Arraes inaugurou a luz



elétrica na casa da minha tia, ela acendeu a luz e saiu correndo de medo da claridade, porque fazia mal à ela.

Da mesma forma, tem muita gente que não dá importância ao programa Bolsa Família. Um dirigente do PT, um deputado federal, um funcionário do Banco do Brasil, 50 reais eles dão de gorjeta, dependendo da moça que está ao lado, que ele quer agradar. Eles dão de gorjeta para o garçom, depois de ter tomado dois chopes, eles dão mais gorjeta do que... Agora, isso, muitas vezes, não tem importância. Nós olhamos, assim, para 50, 60 reais, e não tem a menor importância.

Mas pensem num matuto deste País, no meio do mato, que passa anos sem ver uma nota de um real, e você entregar para ele um programa de 50, 60 ou 70 reais. Pensem no poder da multiplicação que esse pouco dinheiro trará para a vida da pessoa. Pensem nos milhões de trabalhadores que não tinham acesso a crédito até se inventar o crédito consignado, que parecia impossível, Lima, parecia uma coisa tão distante: “como vai financiar, as pessoas vão dar calote, as empresas vão mandar embora.”

Normalmente, parte-se do pressuposto de que todo mundo é errado, quando deveríamos partir do pressuposto de que todo mundo é certo, até prova em contrário. É mais provável o Banco do Brasil perder dinheiro emprestando bilhões para alguns, do que emprestando centavos para outros. Do lado do pobre, tem uma coisa sagrada: o único patrimônio dele é o nome. Ele, então, sente vergonha se não puder pagar.

Eu penso que o que nós estamos colhendo hoje são coisas que foram plantadas antes de nós, foram plantadas conosco e continuarão sendo plantadas. Na medida em que as pessoas, como a Raimunda, se organizam, descobrem o valor extraordinário de organização, começam a ter consciência política, começam a ter consciência das necessidades e das coisas que têm que fazer para poder progredir, e o Estado – seja ele a prefeitura, seja ele o governo do estado, seja o governo federal ou seja uma instituição como o



Banco do Brasil – dá uma pequena ajuda, a tendência natural é o Brasil dar certo.

Não é à toa, companheiros, que eu dizia, logo no começo do governo, que muita gente, no Banco do Brasil, tinha desaprendido a cuidar dos pobres. E essa minha frase foi dita, porque em outubro de 2003, eu descobri que nós tínhamos liberado menos recursos no Pronaf do que no mesmo período de 2002. Aí quem me telefonou, reclamando, foi exatamente o presidente da CUT, que recebeu um telefonema do presidente da Contag, que deve ter recebido um telefonema do presidente dos Sindicatos do interior deste País. Foi a primeira conversa com o Paulo Bernardo e com o Palocci, que era preciso a gente mostrar para os companheiros que estão na ponta trabalhando, a importância de a gente transformar um empréstimo pequeno, como o Pronaf, num instrumento do desenvolvimento.

Se a gente for olhar do ponto de vista pessoal, do gerenciamento de uma agência, obviamente que se entrar um cara só e já pegar 500 mil é melhor porque eu vou ter menos trabalho, vai ser um só, e depois eu vou poder contar prosa. Agora, atender 100, pegando mil e 500 reais, cada um, já é mais difícil. É mais trabalho e o dinheiro é o mesmo. Se a gente for pensar apenas na relação custo-benefício, emprestar a um só é melhor. Mas como cidadãos ou cidadãs, como pessoas que estão prestando um serviço público à sociedade brasileira, certamente é muito mais gostoso a gente descobrir que o Pronaf já não é apenas mais um programa do Rio Grande do Sul ou de Santa Catarina. Quase nem chegava a São Paulo porque o banco tinha desaprendido a fazer, porque os trabalhadores não estavam preparados para tomar dinheiro emprestado, os sindicatos não estavam preparados, e o governo achava que tinha que ser assim mesmo.

Na medida em que um mínimo de esforço para fazer, primeiro, com que os trabalhadores sentissem aquilo como direito e fossem atrás, quem é das agências, das superintendências do Norte do Nordeste percebe o quanto



cresceu o Pronaf em estados que antes tinham dez ou 15 empréstimos. Hoje você tem 3, 4 ou 5 mil empréstimos, e ainda porque o pessoal não está preparado, em estados pequenos como o Acre. Você percebe que o Banco do Brasil não chegou apenas com a agência. O Banco do Brasil chegou com o financiamento, com uma espécie de fundo garantidor para o cidadão conquistar a sua cidadania.

Eu confesso, Luís Otávio, que quando você me falou, na primeira vez, em chegar a 1 milhão de DRS, eu tive dúvidas. Eu falei: esse baixinho está contando prosa para mim. Agora, pelo resultado dos documentos que eu recebi, eu acho que pode chegar a 1 milhão e até mais. Também tem uma coisa: na medida em que as pessoas vão aprendendo e vão contando... Se a Raimunda contar a história dela em muitos lugares, é possível se chegar logo a 2 milhões. Isso vai criando um encantamento nas pessoas, e é isso o que o ser humano precisa. Tem gente que acha que o ser humano precisa de um grande discurso ideológico para ter motivação para a coisa. Não, ele precisa de uma pequena motivação, alguma coisa que seja uma luzinha no fim do túnel para ele poder chegar lá.

Eu acho que é isso o que nós estamos colhendo no Brasil. Eu vou terminar este ano, eu diria para vocês... Eu tive um café da manhã com a imprensa hoje e, certamente, alguns companheiros da imprensa estranharam a minha alegria, apesar da CPMF. Eu tenho todas as razões do mundo para ter consciência de que este ano é um ano excepcional para o nosso País. Eu não diria que é um ano de ouro, mas já pode ser um ano de prata. Há um conjunto de fatores, combinando entre si, que dá, a todos nós – certamente a vocês, também – a certeza de que o ano que vem será ainda melhor.

Eu, que passei a vida inteira dizendo que era socialista, Ricardo Berzoini, me dei conta de que o Brasil era um país capitalista sem capital. Não podia dar certo. Como é que pode um país capitalista não ter crédito, não ter financiamento? O dinheiro do País circulava sempre entre as mesmas pessoas,



a vida inteira, e a gente não abria o leque de possibilidades. Teve gente que duvidou do crédito consignado, muita gente duvidou. E, hoje, todo mundo tem consciência de que o crédito consignado é um dos motivos pelos quais essa economia começou a andar no meio da gente mais pobre do País. É por isso que passam 20 milhões de pessoas (inaudível) de classe.

As coisas foram feitas com seriedade, e com muita seriedade. Eu sei que fui muito criticado porque, em 2003, nós fizemos um ajuste neste País, que eu não sei se algum governo militar teve a coragem de fazer. E nós fizemos por quê? Porque nós tínhamos consciência de que tinha que fazer aquilo para a gente colher no ano seguinte. Nós tínhamos que trocar capital político por capital capital, ou seja, por política, que pudesse mudar um pouco a cara do País.

Eu sei que vocês também se incomodaram durante muito tempo. Eu me lembro de quantas manchetes este País produziu: Banco do Brasil deficitário, Banco do Brasil não sei das quantas, Banco do Brasil tem um déficit de 2, 3 bilhões, de 1 bilhão e 500 milhões. Funcionários do Banco do Brasil são todos marajás, ganham muito dinheiro e não sei das quantas, porque o Banco tem que ser que nem os bancos privados, pagam pouco e exigem muito, que é o que interessa. É um pouco isso o que nós vivemos em não sei quantos anos.

O que vocês estão provando? Que a coisa pode ser pública e, se ela for séria, dá certo. Se ela for pública e privada, e não for séria, não dá certo, nem aqui e nem em nenhum lugar do mundo. Por isso, eu queria que vocês trabalhassem um pouco com a cabeça – que é muito necessário para não errar nos números –, mas um pouco com o coração. Nós temos que ter a nossa realização profissional, mas também temos que ter a nossa realização humana. Todas as noites, quando encostar no travesseiro, a gente não pode dizer “bom, hoje eu negocie 2 bilhões, 1 bilhão e 500 milhões”. Vamos dizer “quantas pessoas nós atendemos? Para quantas pessoas nós falamos bom dia, boa tarde? Quantas pessoas nós ensinamos a se preparar para tomar um



empréstimo?” É isso o que dá grandeza ao Banco do Brasil.

Ainda me deve o Procaminhoneiro (inaudível). O carro tem sido um sucesso. Eu não consegui entender como o Banco do Brasil não tinha entrado com financiamento de carro há tanto tempo. Vocês devem estar acompanhando os números da indústria automobilística. Nem a indústria automobilística acredita no que está acontecendo lá. No ano passado, o Paulo Bernardo e a Dilma se lembram, eles entravam na minha sala, dizendo: “Presidente, estamos no vermelho, estamos quebrados, não tem mercado interno, precisa fazer isso.” Este ano, eles estão atolados de mercado interno. Por quê? Porque fizeram apenas aquilo que precisava ser feito, ou seja, colocaram a prestação do carro dentro do orçamento do trabalhador, permitindo que o trabalhador pudesse comprar um carro sem milagre. Apenas fazendo uma prestação do tamanho que cabia no holerite. E o que está acontecendo hoje? Nunca se vendeu tanto, nunca se licenciou tanto.

E caminhão, Paulo Bernardo... Eu tive uma reunião com um fabricante de caminhão. Chega a demorar nove meses para entregar um caminhão pesado. E está só começando a acontecer, viu, Lima, porque o PAC vai estourar mesmo é no ano que vem, e o Banco do Brasil, obviamente, dentro do nosso PAC, tem que estar muito mais preparado para a gente anunciar mais PAC de financiamento neste País.

O dado concreto é que tem que ter dinheiro circulando neste País. Olhem a Raimundinha como está chique, fazendo universidade, porque ela estava predestinada, sendo pobre, negra, nordestina, mãe solteira, a cair em desgraça. Uma pequena chance, uma pequena conversa e uma pequena oportunidade, está aí: chique, falando da forma mais brilhante possível, quase foi um discurso de presidente da República. E isso, Raimunda, para mim, é a consagração. Se o Brasil tivesse isso há mais tempo, certamente teria muito mais gente, e eu quero que o Banco do Brasil faça mais coisas como essa, porque é aí que vale a pena. O Luís Otávio já estava até desanimado,



aposentado lá em Quixadá: “vou largar tudo, não sei das quantas”. Hoje, é como ver um menino de 18 anos animado, cheio de vontade, porque a gente está fazendo as coisas que são importantes.

Então, meus companheiros deputados, vocês que cobram tanto, eu quero dizer para vocês que, passar o que nós passamos em 2005, passar o que nós passamos em 2006, e chegar a 2007 na situação em que nós estamos, é quase um milagre da seriedade, porque nós estamos colhendo. E vamos fazer muito mais, Raimunda. Agora que nós aprendemos, agora que nós já estamos mais... as coisas estão fluindo. Ontem o Gilberto Gil me contava: “eu fui inaugurar o PAC da Cultura. Faz dois meses, em São Paulo, a gente tinha 600 pontos de cultura. Em dois meses, já foram criados mais 2 mil centros de cultura.”

Então, eu quero dizer, Lima Neto, parabéns aos companheiros do Banco do Brasil – pouca companheira, é verdade. O machismo do gerenciamento mais alto é total e absoluto. Estou vendo aqui poucas mulheres e muitos homens. Mas, eu quero dar os parabéns a vocês. Eu acho que, no Brasil, tem dois equívocos muito grandes: as pessoas pensam que importante é ser presidente da República, e eu acho que o importante é ser presidente do Banco do Brasil e presidente da Petrobras. Eu acho que quem deveria disputar eleição eram eles, e o presidente da República ser indicado pelos dois, tal a importância que essas instituições têm para o nosso País.

Estou muito feliz com o Mercosul, fizemos acordo com a Bolívia na questão do gás. Àqueles que esperavam guerra entre Brasil e Bolívia, nós estamos dando pétalas de rosas e boa vontade de um bom acordo. Fizemos, finalmente, um acordo com a PDVSA para fazer a nossa refinaria. O Mercosul vive o seu melhor momento. O Banco do Brasil abriu o seu escritório em Montevideú, de onde nunca deveria ter saído, mas saiu. Vai voltar aos poucos, mais comedido, menos pretensioso.

Então, eu quero dizer que é uma alegria terminar este ano junto com



vocês. Eu acho que é importante e, Deus queira, que a gente esteja todos juntos, numa festa muito boa que, certamente, o Banco do Brasil fará para comemorar os seus 200 anos.

Parabéns, companheiros e companheiras.